

A INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NAS TROCAS COMERCIAIS ENTRE BRASIL E CHINA: IMPLICAÇÕES PARA A ECONOMIA BRASILEIRA (2013-2023)

THE INFLUENCE OF INTERNATIONAL RELATIONS IN TRADE BETWEEN BRAZIL AND CHINA: IMPLICATIONS FOR BRAZILIAN ECONOMY (2013-2023)

LA INFLUENCIA DE LAS RELACIONES INTERNACIONALES EN LOS INTERCAMBIOS COMERCIALES ENTRE BRASIL Y CHINA: IMPLICACIONES PARA LA ECONOMÍA BRASILEÑA (2013-2023)

Juliano dos Reis Silva¹
Ali Antônio Abrão Júnior²
Carlos Alberto di Lorenzo³

RESUMO: O artigo tem como objetivo analisar o início das relações internacionais entre o Brasil e a China, destacando as consequências diretas dessa parceria na economia brasileira. Os primeiros contatos ocorreram no século XIX, com foco nas trocas comerciais. A partir de 2013, as relações se fortaleceram, principalmente nas áreas estratégica e econômica, com ambos os países integrando o BRICS e compartilhando interesses comuns em desenvolvimento sustentável, comércio e investimentos. A China tornou-se o maior parceiro comercial do Brasil em 2010 e, em 2013, a relação foi elevada a "Parceria Estratégica Abrangente", resultando na assinatura de diversos acordos comerciais, como a cooperação na emissão de certificados eletrônicos para produtos agrícolas e de proteína animal. No setor de tecnologia, destaca-se o desenvolvimento conjunto do satélite CBERS-6. De igual forma, foram firmados acordos nas áreas de pesquisa, inovação, economia digital e espaço. Atualmente, a China representa mais de 20% das importações e um terço das exportações brasileiras. Em 2023, acordos foram assinados para permitir trocas diretas entre a lira e o yuan, o que impulsionará ainda mais os negócios entre os dois países. A questão que permanece é: até quando essa parceria será vantajosa para ambos os lados?

1838

Palavras-chave: Parceria estratégica abrangente. Tecnologia. Negócios.

¹Discente em Tecnologia em Comércio Exterior, Fatec Zona Leste.

²Advogado, Especialista em Direito Público com ênfase em Gestão Pública, pelo Damásio Educacional, Especialista em Direito Empresarial e Direito Digital pela Faculdade Legale, Docente da Faculdade de Tecnologia de Itaquaquecetuba e Zona Leste – FATEC – Centro Paula Souza.

³Mestre e Doutor em Direito. Coordenador e professor da FATEC Zona Leste. Professor de Direito da USCS. Advogado e assessor jurídico.

ABSTRACT: The article aims to analyze the beginning of international relations between Brazil and China, highlighting the direct consequences of this partnership in the Brazilian economy. The first contacts took place in the nineteenth century, focusing on commercial exchanges. Since 2013, relations have been strengthened, mainly in the strategic and economic areas, with both countries joining BRICS and sharing common interests in sustainable development, trade and investment. China became Brazil's largest trading partner in 2010 and, in 2013, the relationship was elevated to "Comprehensive Strategic Partnership", resulting in the signing of several trade agreements, as cooperation in issuing electronic certificates for agricultural products and animal protein. In the technology sector, the joint development of the CBERS-6 satellite stands out. Agreements were also signed in the areas of research, innovation, digital economy and space. Currently, China accounts for more than 20% of imports and one third of Brazilian exports. In 2023, agreements were signed to allow direct exchanges between the lira and the yuan, which will further boost business between the two countries. The question that remains is: how long will this partnership be advantageous for both sides?

Keywords: Comprehensive strategic partnership. Technology. Business.

RESUMEN: El artículo tiene como objetivo analizar el inicio de las relaciones internacionales entre Brasil y China, destacando las consecuencias directas de esta asociación en la economía brasileña. Los primeros contactos se produjeron en el siglo XIX, con un enfoque en los intercambios comerciales. A partir de 2013, las relaciones se han fortalecido, principalmente en las áreas estratégica y económica, con ambos países integrando el BRICS y compartiendo intereses comunes en desarrollo sostenible, comercio e inversiones. China se convirtió en el mayor socio comercial de Brasil en 2010 y, en 2013, la relación fue elevada a "Asociación Estratégica Integral", resultando en la firma de varios acuerdos comerciales, como la cooperación en la emisión de certificados electrónicos para productos agrícolas y de proteína animal. En el sector de tecnología, destaca el desarrollo conjunto del satélite CBERS-6. Asimismo, se han firmado acuerdos en las áreas de investigación, innovación, economía digital y espacio. Actualmente, China representa más del 20% de las importaciones y un tercio de las exportaciones brasileñas. En 2023, se firmaron acuerdos para permitir intercambios directos entre la lira y el yuan, lo que impulsará aún más los negocios entre los dos países. La pregunta que queda es: ¿hasta cuándo esta asociación será ventajosa para ambas partes?

1839

Palabras clave: Asociación estratégica global. Tecnología. Empresa.

INTRODUÇÃO

É possível observar que a China tem se consolidado como a maior economia do mundo, superando potências como os Estados Unidos desde a pandemia de 2019. Nesse contexto, é fundamental encararmos essa ascensão como uma oportunidade, e não como uma ameaça. Devemos aproveitar a excelente relação com a China a nosso favor, buscando formas de aprimorar ainda mais essa parceria bilateral. No contexto internacional, as relações são sempre pautadas por trocas e negociações. Atualmente, a China é nosso principal parceiro comercial

em termos de importação e exportação, conforme informações do site oficial do governo brasileiro.

Em 2013, as relações internacionais entre o Brasil e a China continuaram a se expandir, impulsionadas pelo crescente relacionamento estratégico e pelo fortalecimento dos laços econômicos entre as duas nações. Como membros do BRICS desde 2009, ambos os países compartilham interesses em áreas como desenvolvimento sustentável, comércio e investimentos. Ao longo dos anos, ambos cresceram economicamente e ganharam significativa influência no cenário global. Em 2010, a China tornou-se o maior parceiro comercial do Brasil, e, em 2013, a relação bilateral foi elevada ao *status* de 'Parceria Estratégica Abrangente'. Nesse contexto, os dois países buscaram aprofundar a cooperação comercial, trabalhando para eliminar barreiras desnecessárias e facilitar o comércio, conforme indicado pelo Ministério das Relações Exteriores.

No comércio agrícola, foram firmados acordos de cooperação para a emissão de certificados eletrônicos para produtos pecuários. Ademais, foram estabelecidos protocolos entre o Ministério da Agricultura e Pecuária do Brasil e a Administração Geral de Supervisão da Qualidade, Inspeção e Quarentena da China (AQSIQ) para a exportação de proteínas processadas de animais terrestres do Brasil para a China. Esses acordos fortaleceram os laços comerciais e contribuíram para o aumento do comércio agrícola entre os dois países.

1840

Na área de tecnologia, o desenvolvimento conjunto do satélite CBERS-6 é um exemplo notável de cooperação, envolvendo a construção, lançamento e operação de um satélite para garantir a continuidade da transmissão de imagens CBERS. De igual forma, foram assinados acordos de cooperação nos campos de pesquisa, inovação, tecnologias da informação, economia digital e espaço. Também foram firmados acordos intergovernamentais na área de produção televisiva e memorandos de entendimento entre grupos de mídia chineses e a Secretaria de Relações Intergovernamentais do Brasil.

A China é o maior parceiro comercial do Brasil, representando mais de 20% do total das importações e um terço das exportações brasileiras. O crescimento do comércio bilateral e dos investimentos chineses no Brasil tem impulsionado setores estratégicos, como agricultura, mineração e infraestrutura, conforme destaca Célio Hiratuka, do IPEA.

Em 2023, Brasil e China assinaram acordos que permitem trocas diretas entre a lira e o yuan, o que trará benefícios como o aumento da presença da moeda chinesa no Brasil, a proteção das reservas cambiais do país e a redução de intermediários nos preços internacionais. Estima-

se que os acordos comerciais entre as duas nações possam gerar um impacto de 1,7 trilhões de dólares no PIB do Brasil até 2040, com um aumento no investimento, nos fluxos comerciais e uma diminuição nos custos. A seguir, exploraremos como essa parceria, construída ao longo de anos de relações internacionais, tem impulsionado a economia brasileira e como ela pode continuar a se expandir no futuro.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Início da Primeira relação entre Brasil e China

As relações entre o Brasil e a China possuem uma história rica e multifacetada, que remonta ao século XIX, quando ocorreu o primeiro contato diplomático entre os dois países. Desde então, essa parceria evoluiu, resultando em décadas de cooperação mútua em diversas áreas, incluindo objetivos bilaterais e comércio. Atualmente, Brasil e China mantêm uma relação sólida e robusta, marcada por uma colaboração estreita e contínua.

2.2. Primeira Missão Diplomática (1880):

A primeira missão diplomática brasileira à China, em 1880, constitui um episódio marcante na história das relações internacionais entre os dois países. No final do século XIX, o Império Brasileiro buscava conhecer melhor a civilização chinesa e, se possível, estabelecer relações comerciais e diplomáticas com essa antiga potência asiática. Naquela época, o Brasil considerava a ideia de trazer trabalhadores chineses (conhecidos como 'coolies') para substituir temporariamente a mão-de-obra africana escravizada nas plantações. A missão foi liderada pelo diplomata Eduardo Calado e pelo contra-almirante Arthur Silveira da Motta. Embarcaram no navio *Vital de Oliveira* em 19 de novembro de 1879 e chegaram a Hong Kong em 18 de junho de 1880. O objetivo do governo brasileiro era negociar um tratado com a China e obter uma compreensão direta do país (BUENO, 2019).

André Bueno, em seu artigo '*PRIMÓRDIOS DE UMA SINOLOGIA IMPERIAL: A PRIMEIRA MISSÃO BRASILEIRA À CHINA (1880)*', destaca que esta missão foi a primeira iniciativa oficial do Brasil para desenvolver seu próprio conhecimento sinológico, baseado na observação direta e na análise crítica da realidade chinesa. A missão enfrentou inúmeras dificuldades, como doenças a bordo, mortes e deserções, mas, mesmo assim, conseguiu desembarcar na China e iniciar negociações. Este evento marcou o início de uma sinologia imperial brasileira, refletindo o crescente interesse do país pelo conhecimento da China.

Em suma, a primeira missão diplomática Brasil-China foi um passo importante, demonstrando o desejo do Brasil de estabelecer vínculos com essa antiga civilização e de ampliar sua presença no cenário internacional."

2.3. Interrupção das Relações (1949):

Em 1º de outubro de 1949, Mao Zedong proclamou a fundação da República Popular da China, marcando o início do regime comunista no país. Essa mudança política teve um impacto global, especialmente durante a Guerra Fria, quando as superpotências – Estados Unidos e União Soviética – buscavam expandir sua influência em outros países. Os Estados Unidos lideraram uma estratégia de contenção ao comunismo, pressionando outras nações a romperem laços diplomáticos com o novo governo chinês. Sob essa pressão, o governo brasileiro decidiu cortar relações diplomáticas com a China, seguindo a orientação dos EUA. A equipe diplomática brasileira foi transferida do escritório em Pequim para o escritório brasileiro em Tóquio, no Japão. Assim, o Brasil não manteve relações oficiais com a China por um período significativo. A ruptura das relações diplomáticas em 1949 refletiu as tensões da Guerra Fria e a forte influência dos Estados Unidos. Felizmente, hoje, essas relações foram restauradas, e Brasil e China têm a oportunidade de colaborar mutuamente.

1842

Tings Chak e Vijay Prashad, nas suas dissertações para a revista Jacobin ‘A REVOLUÇÃO SEM FIM’ os autores tem como ideia central que a fundação da República Popular da China, em 1949, representou não apenas o encerramento do “Século de Humilhação” e o começo de uma nova era de soberania, mas também o marco de um projeto contínuo de transformação social. A República foi concebida como um instrumento para construir o socialismo e não como o ponto culminante de mudanças passadas.

Em suma a noção de “República Popular” reflete tanto a herança do republicanismo chinês, que emergiu com a Revolução de 1911 contra a dinastia Qing, quanto o pensamento marxista, que enfatiza o papel das classes populares no Estado. Desde as bases em Ruijin e Yan'an, até os eventos de 1949, a Revolução Chinesa foi entendida como um processo prolongado, com o Partido Comunista buscando consolidar a unidade e a emancipação do povo chinês em um contexto histórico marcado por lutas e mudanças profundas.

2.4. Retomada Oficial (1974):

A retomada oficial das relações diplomáticas entre Brasil e China, em 15 de agosto de 1974, foi um marco histórico. Na década de 1970, o cenário mundial passou por significativas mudanças, e tanto o Brasil quanto a China reconheceram a necessidade de restaurar seus laços históricos e estabelecer uma parceria diplomática formal. Sob a liderança do presidente brasileiro Ernesto Geisel, o governo adotou uma política externa voltada para ampliar a influência do país e transformar suas relações internacionais. Em 15 de agosto de 1974, o chanceler brasileiro, Antônio Azeredo da Silveira, e o vice-ministro do Comércio da China, Chen Chin, assinaram a decisão de retomar as relações diplomáticas.

A declaração conjunta emitida naquele dia estabeleceu princípios fundamentais, incluindo: respeito mútuo pela soberania, com o compromisso de reconhecer a independência e soberania de cada nação; a não-interferência nos assuntos internos de ambos os países; e a busca por benefícios mútuos, visando uma parceria equilibrada e vantajosa para ambos.

Essa ação abriu um novo capítulo nas relações entre China e Brasil, marcando um passo significativo para a cooperação econômica, política e cultural entre os dois países. Esse renascimento ocorreu durante a ditadura militar no Brasil e o regime de Mao Zedong na China. Apesar das diferenças ideológicas e políticas, ambos os países reconheceram oportunidades para estreitar seus laços. A partir desse ponto, as relações sino-brasileiras evoluíram para uma 'parceria estratégica global' em 2012. Desde então, os dois países têm cooperado em diversas áreas, compartilhando oportunidades de crescimento mútuo. A retomada das relações diplomáticas em 1974 foi um marco fundamental, permitindo que Brasil e China estabelecessem vínculos mais estreitos e duradouros.

1843

2.5. Lançamento do projeto de satélites de recursos terrestres “CBERS” (1988):

Em 14 de outubro de 1999, foi realizado o lançamento inaugural do primeiro Satélite Sino-Brasileiro de Recursos Terrestres (CBERS, na sigla em inglês), utilizando o foguete Longa Marcha 4B a partir do Centro de Lançamento de Taiyuan, na China. Ao longo de uma década, o Programa CBERS se consolidou como um recurso indispensável para a comunidade de usuários de imagens orbitais, promovendo a disseminação do sensoriamento remoto no Brasil. Atualmente, os dados fornecidos pelos satélites CBERS são fundamentais para o monitoramento ambiental, avaliação de desmatamentos, mapeamento de áreas agrícolas e análise do desenvolvimento urbano.

Embora tenha sido projetado com uma vida útil de apenas dois anos, o CBERS-1 manteve-se operacional até 2003. Nesse ano, foi lançado o CBERS-2, que permaneceu em funcionamento até o início de 2009. Atualmente, está em operação o CBERS-2B, lançado em 2007, e o CBERS-3, que está em fase de testes no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), em São José dos Campos (SP), com lançamento previsto para 2011.

O domínio da tecnologia de fornecimento de dados de sensoriamento remoto, alcançado pelo CBERS, possibilitou a implementação, em 2004, de uma política pioneira de livre acesso a esses dados. Como resultado, o INPE já distribuiu mais de 700 mil imagens dos satélites CBERS, de um total que ultrapassa um milhão.

Além de promover a distribuição irrestrita das imagens, o que facilitou a popularização do sensoriamento remoto e impulsionou o crescimento do mercado de geoinformação no Brasil, o Programa CBERS também fomenta a inovação na indústria espacial nacional, gerando empregos em um setor de alta tecnologia essencial para o desenvolvimento do país.

Os satélites do Programa CBERS resultaram de um acordo firmado em 22 de agosto de 1988 entre a Academia Chinesa de Tecnologia Espacial (CAST) e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Este acordo de cooperação contemplava o desenvolvimento e a construção de dois satélites de sensoriamento remoto, que, além de câmeras imageadoras, possuíam um repetidor para o Sistema Brasileiro de Coleta de Dados Ambientais. Os equipamentos foram projetados para atender às necessidades de ambos os países e também para entrar no emergente mercado de imagens de satélite, conforme informações da Agência Espacial Brasileira.

1844

Em 2002, foi firmado um novo acordo para a continuidade do programa, que incluiu a construção de dois novos satélites – os CBERS-3 e CBERS-4 – com novas cargas úteis e uma divisão diferente de investimentos entre Brasil e China, com cada país contribuindo com 50% dos recursos (nos satélites anteriores, a divisão era de 70% para a China e 30% para o Brasil). Para garantir o fornecimento contínuo de imagens até o lançamento do CBERS-3, previsto para 2011, Brasil e China decidiram em 2004 construir o CBERS-2B, lançado em setembro de 2007.

Os dois primeiros satélites CBERS eram idênticos em termos técnicos e de cargas úteis, possuindo três câmeras: CCD, WFI e IRMSS. No CBERS-2B, foi integrada uma câmera de alta resolução, a HRC, que produz imagens com resolução espacial de 2,7 metros, substituindo a IRMSS. As câmeras CCD, com resolução de 20 metros, e WFI, com resolução de 250 metros,

foram mantidas. Para os CBERS-3 e CBERS-4, espera-se uma evolução significativa, com imageadores e estruturas dos satélites mais avançados tecnologicamente.

O INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) em 2009, analisou o avanço da parceria tecnológica e em termos de impacto, o CBERS promoveu o acesso irrestrito a dados de sensoriamento remoto, distribuindo mais de 700 mil imagens desde 2004, além de fomentar a inovação e atender necessidades estratégicas de ambos os países. O INPE se destaca por sua capacidade técnica e pioneirismo no setor, alavancando o uso dessas tecnologias para o desenvolvimento sustentável e econômico do Brasil.

2.6. A China reconhece o Brasil como "Parceiro Estratégico" (1993):

Em 1993, a China conferiu ao Brasil o *status* de 'Parceiro Estratégico', um marco significativo na evolução das relações bilaterais entre as duas nações. Essa designação inédita para um país latino-americano ressaltou a importância estratégica e a profundidade da cooperação sino-brasileira, estabelecendo um precedente histórico.

De acordo com a FUNAG (Fundação Alexandre de Gusmão), o artigo 'A PARCERIA ESTRATÉGICA SINO-BRASILEIRA: ORIGENS, EVOLUÇÃO E PERSPECTIVAS (1993-2006)' marcou um passo histórico nas relações bilaterais, destacando o papel de ambas as nações como protagonistas na busca por uma ordem mundial multipolar.

1845

É importante lembrar que a designação de "Parceiro Estratégico" para o Brasil reforçou a importância estratégica de ambos os países no cenário global, consolidando uma parceria multifacetada que serve como modelo de cooperação internacional entre países emergentes. Essa aliança não só exemplifica a expansão de influências mútuas, mas também o esforço conjunto para moldar uma nova dinâmica no equilíbrio de poder global.

2.7. A China se torna o maior parceiro comercial do Brasil, ultrapassando os EUA (2009):

Esse reconhecimento surgiu em um contexto de busca por uma ordem mundial multipolar, onde tanto o Brasil quanto a China se viam como atores cruciais na promoção de uma cooperação Sul-Sul robusta e na ampliação de suas influências no cenário global. A parceria inicial, centrada na cooperação econômica e tecnológica, foi gradualmente expandida para incluir diversas outras áreas, como comércio, energia, infraestrutura e ciência.

No campo acadêmico, autores como Daniel Cardoso e Maurício Santoro têm explorado a relevância dessa parceria estratégica. No artigo intitulado 'China-Brazil: A Strategic

'Partnership in an Evolving World Order', Cardoso analisa a intensificação das relações entre os dois países ao longo dos anos, destacando a importância dessa parceria na política externa de ambas as nações. Por sua vez, Santoro, no capítulo 'The Sino-Brazilian Strategic Partnership: In Search of a Multipolar World', investiga a evolução das relações bilaterais e a busca conjunta por uma ordem mundial mais equilibrada.

A designação de 'Parceiro Estratégico' não apenas solidificou os laços econômicos e comerciais entre Brasil e China, mas também abriu caminho para uma cooperação mais ampla e profunda em diversos setores, refletindo a crescente importância de ambas as nações no cenário global.

2.8. Acordo de cooperação em energia e infraestrutura, com investimentos significativos da China no Brasil (2010):

O Acordo de Cooperação em Energia e Infraestrutura de 2010 entre o Brasil e a China representa um marco importante na intensificação das relações bilaterais, especialmente nos setores energético e de infraestrutura, que são essenciais para o desenvolvimento econômico e sustentável de ambos os países. Este pacto foi assinado em um contexto de ascensão da China como potência global e da busca do Brasil por diversificação de suas parcerias externas, consolidando-se como um exemplo paradigmático da diplomacia econômica contemporânea, com foco em investimentos em infraestrutura, troca de tecnologias e projetos de longo prazo destinados à modernização e expansão das capacidades produtivas de ambos os países.

1846

O Acordo de Cooperação foi firmado em 2010, em um momento de repercussões globais da crise financeira de 2008, quando as economias emergentes, em especial Brasil e China, começavam a desempenhar papéis cada vez mais relevantes no cenário econômico internacional. O Brasil, com sua crescente demanda por infraestrutura para sustentar o crescimento econômico, e a China, já reconhecida como gigante industrial e potência no setor energético, estabeleceram uma parceria estratégica para compartilhar conhecimentos e aumentar os fluxos de investimentos.

Os principais objetivos do acordo foram: (i) o fortalecimento da cooperação nos setores de energia, com foco em petróleo, gás natural, energia elétrica e fontes renováveis; (ii) a realização de investimentos em infraestrutura no Brasil, incluindo a construção de ferrovias, portos, rodovias e terminais de transporte; e (iii) o intercâmbio de tecnologias, especialmente nas áreas de construção civil e energia renovável.

No campo energético, a cooperação se destacou no setor de petróleo e gás natural, com empresas chinesas como China National Petroleum Corporation (CNPC) e Sinopec investindo em projetos no Brasil, incluindo a exploração do pré-sal. A China também contribuiu com sua expertise em energia renovável, promovendo avanços nos projetos brasileiros de energia solar e eólica, que se tornaram fundamentais para a matriz energética do Brasil.

Em relação à infraestrutura, a China se comprometeu a construir grandes obras, como rodovias, ferrovias, hidrelétricas e portos, muitas delas voltadas para a modernização do sistema logístico brasileiro e o crescimento do comércio exterior. Esses investimentos visavam não só melhorar a conectividade interna, mas também fortalecer a competitividade do Brasil no comércio internacional.

Os investimentos da China no Brasil, resultantes deste acordo, tiveram grande impacto no setor de infraestrutura e energia. Um exemplo notável foi o Protocolo de Intenções assinado em 2011, que envolveu a participação da China Communications Construction Company (CCCC) e outras gigantes chinesas em projetos de infraestrutura, como ferrovias e portos, para facilitar o escoamento da produção brasileira para a Ásia, onde a demanda por commodities brasileiras é alta.

1847

Entre os projetos mais expressivos estavam os da China Three Gorges, relacionados à energia hidrelétrica, incluindo a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, além de outros empreendimentos voltados para a transmissão de energia elétrica. O Brasil se beneficiou não apenas dos fluxos de capital chinês, mas também da transferência de tecnologia e *know-how* da China, consolidada como líder global em grandes projetos de infraestrutura e em fontes renováveis de energia.

O Acordo de Cooperação em Energia e Infraestrutura teve repercussões significativas para ambos os países. Para o Brasil, houve um aumento substancial nos investimentos estrangeiros diretos, especialmente nos setores de energia e infraestrutura. A parceria com a China possibilitou a realização de grandes projetos que, de outra forma, seriam difíceis de implementar, dada a complexidade técnica e o volume de recursos necessários.

Por sua vez, a China, além de garantir acesso a um mercado promissor, especialmente no setor energético, também expandiu sua presença geopolítica na América Latina, alinhando-se à sua estratégia da "Nova Rota da Seda" e buscando rotas comerciais alternativas, particularmente em um Brasil com crescente demanda por infraestrutura e energia.

Ainda no artigo ‘A PARCERIA ESTRATÉGICA SINO-BRASILEIRA: ORIGENS, EVOLUÇÃO E PERSPECTIVAS’, o acordo de 2010 é, de fato, um marco na construção de uma relação mais profunda e multifacetada entre Brasil e China, cujos efeitos perduram até os dias de hoje. A cooperação nos setores de energia e infraestrutura tem sido uma das bases para o aprofundamento dessa parceria, gerando implicações importantes para as economias de ambos os países.

No entanto, é preciso destacar que a parceria também gerou discussões sobre os impactos ambientais, especialmente em relação aos grandes projetos hidrelétricos, e sobre as condições de trabalho nas obras de infraestrutura. Questões como soberania nacional e dependência tecnológica também são frequentemente debatidas no âmbito público e acadêmico, dado o caráter estratégico dos investimentos chineses no Brasil.

2.9. Parceria Estratégica Global (2012):

Em 2012, as relações entre Brasil e China evoluíram para o nível de "Parceria Estratégica Global", consolidando uma cooperação ampla e multifacetada entre os dois países. Esta designação reflete a profundidade e a abrangência das interações bilaterais, que abrangem áreas como comércio, energia, infraestrutura, ciência e tecnologia, além de intercâmbios culturais e educacionais.

1848

A Parceria Estratégica Global foi formalizada durante a visita da presidente brasileira Dilma Rousseff à China, em março de 2013, e representou um marco importante para o fortalecimento dos laços diplomáticos e econômicos entre as duas nações. A cooperação bilateral tem sido ampliada por meio de acordos e planos de ação conjunta, como o Plano Decenal de Cooperação (2012-2021), que define prioridades e projetos-chave em diversas áreas de interesse comum (CORREIA, 2024).

Autores como Daniel Cardoso e Maurício Santoro analisam a importância dessa parceria estratégica em suas obras acadêmicas. No artigo "China-Brazil: A Strategic Partnership in an Evolving World Order", Cardoso discute como a relação entre os dois países se intensificou ao longo dos anos, tornando-se um pilar essencial na política externa de ambas as nações. Santoro, no capítulo "The Sino-Brazilian Strategic Partnership: In Search of a Multipolar World", examina a evolução das relações bilaterais e a busca conjunta por uma ordem mundial mais equilibrada.

A Parceria Estratégica Global não apenas fortaleceu os laços econômicos e comerciais entre Brasil e China, mas também abriu caminho para uma cooperação mais profunda e abrangente em diversas áreas, refletindo a crescente relevância de ambos os países no cenário global.

2.10. Acordo para exportar e importar sem o uso do dólar como moeda comercial (2023):

Em 2023, Brasil e China firmaram um acordo histórico para realizar transações comerciais diretamente em suas moedas locais, o real e o yuan (RMB), excluindo o uso do dólar americano como moeda de referência. Este acordo foi considerado um passo significativo para fortalecer a cooperação econômica bilateral e reduzir a dependência do dólar, que tem sido a moeda dominante nas transações internacionais (NASSIF, 2023).

Redução de custos: Ao eliminar a necessidade de conversão para o dólar, empresas brasileiras e chinesas podem reduzir custos associados a taxas de câmbio e outras despesas de transação.

Aumento da eficiência: Transações diretas em moedas locais podem acelerar o processo de pagamento e liquidação, resultando em maior eficiência operacional.

Fortalecimento das moedas locais: O acordo pode contribuir para a estabilidade e a liquidez tanto do real quanto do yuan, promovendo o uso dessas moedas em mercados internacionais.

Desafio à hegemonia do dólar: Esse acordo integra um movimento mais amplo para desafiar a hegemonia do dólar e promover uma ordem econômica mais multipolar.

2.11. Mapa Bilateral de Comércio e Investimentos Brasil-China (2023)

Em 2024, Brasil e China celebram meio século de relações diplomáticas, com destaque especial para o crescimento notável das relações econômicas nas últimas duas décadas. Para analisar detalhadamente os dados de comércio e investimentos entre as duas nações, a Inteligência da ApexBrasil lançou a segunda edição do Mapa Bilateral de Comércio e Investimentos Brasil-China. Este documento não apenas compila dados e análises abrangentes, mas também visa fornecer informações estratégicas cruciais para auxiliar investidores e formuladores de políticas públicas, com o objetivo de expandir a parceria bilateral.

O Mapa é estruturado em três grandes seções: macroeconomia, comércio e investimentos. Nos capítulos dedicados aos investimentos, são apresentados casos de empresas

chinesas que investem no Brasil, bem como de empresas brasileiras que estabelecem operações na China.

Evolução do Comércio Bilateral: Em 2003, a corrente de comércio bilateral era de US\$ 6,6 bilhões. Já em 2023, esse valor saltou para expressivos US\$ 157,5 bilhões. Em 2009, a China superou os Estados Unidos como principal destino das exportações brasileiras. Em 2023, as exportações brasileiras para a China ultrapassaram US\$ 100 bilhões, um valor aproximadamente três vezes superior às exportações para os Estados Unidos (FREITAS, 2025).

Investimentos Chineses no Brasil: A China ocupa a posição de oitavo maior investidor no Brasil, sendo o principal investidor asiático. Destacam-se os investimentos no setor de energia, que acumulou um estoque de US\$ 14 bilhões dos US\$ 37 bilhões investidos por empresas chinesas, conforme dados do Banco Central do Brasil (BACEN), representando 40% do total. A indústria extrativa vem em seguida, com 39% de participação (FREITAS, 2025).

Este estudo é uma ferramenta indispensável para compreender a dinâmica das relações econômicas entre Brasil e China, fornecendo insights valiosos para investidores e formuladores de políticas públicas na formulação de estratégias eficazes e sustentáveis.

3. MÉTODOS

1850

Para a elaboração do artigo "A Influência das Relações Internacionais nas Trocas Comerciais entre o Brasil e a China, e suas Consequências para a Economia Brasileira (2013-2023)", adotou-se uma metodologia rigorosa e multifacetada, baseada na pesquisa de fontes variadas e renomadas. A abordagem metodológica combinou análise qualitativa, utilizando dados coletados de fontes confiáveis, como sites institucionais, revistas acadêmicas e jornais especializados (HIRATUKA, SARTI, 2016).

A pesquisa envolveu a consulta a diversas fontes de informação, incluindo sites, revistas acadêmicas e artigos de jornais econômicos. A coleta de dados foi estruturada em três principais categorias: i) Sites Confiáveis onde a coleta incluiu a análise de dados disponíveis em sites institucionais, como a Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG) e a Agência Espacial Brasileira, que fornecem informações históricas e análises sobre políticas públicas relevantes para as relações entre Brasil e China. ii) Revistas Acadêmicas onde a revisão de literatura foi essencial para a metodologia, com a exploração de artigos e estudos publicados em revistas renomadas. iii) Jornais Econômicos de forma a analisar artigos e reportagens de jornais

especializados, como o Valor Econômico e o Financial Times, que oferecem perspectivas contemporâneas sobre as dinâmicas econômicas entre os dois países.

Para a elaboração do estudo foram utilizadas revisões bibliográficas e ferramentas de estudo da pesquisa exploratória com o objetivo de aproximar ao máximo a análise da realidade apresentada sobre o tema, utilizando tanto fontes primárias quanto secundárias. Essa abordagem foi escolhida por estar alinhada ao objetivo do estudo, que é fornecer conhecimentos relevantes sobre a internacionalização bilateral entre Brasil e China. A busca por informações se deu por meio de artigos científicos, sites governamentais e outras fontes confiáveis, como o portal oficial do governo brasileiro, que permitiram a construção de uma linha temporal e a explicação da evolução dessa relação ao longo do período em análise (ABRÃO JUNIOR, 2025).

4. RESULTADOS

Na fundamentação teórica, destaca-se a importância de compreender o papel da China e a aliança estratégica entre essas duas potências. A relação bilateral entre Brasil e China foi sendo construída à medida que as missões diplomáticas se aprofundavam, permitindo um estreitamento das cooperações. Esse processo colaborativo gerou uma sinergia eficaz entre os países, com benefícios diretos para ambos os Estados. Além de proporcionar capital, essa parceria também contribuiu para o aprimoramento tecnológico, ampliando as capacidades produtivas e inovadoras de ambos.

1851

Os resultados da análise revelam que as relações Brasil-China passaram por uma evolução significativa, impactando profundamente a economia brasileira. O reconhecimento do Brasil como parceiro estratégico e a subsequente consolidação de uma parceria global sublinham a importância dessa aliança e a visão compartilhada de um futuro multipolar no cenário internacional.

A crescente corrente de comércio, que alcançou US\$157,5 bilhões em 2023, e os investimentos expressivos em setores chave, como agricultura, mineração e infraestrutura, evidenciam a profundidade dessa parceria. Contudo, a dependência excessiva de commodities e a necessidade de diversificação econômica continuam sendo desafios críticos que o Brasil precisa enfrentar para garantir a sustentabilidade a longo prazo dessa relação. A diversificação dos setores produtivos e o fortalecimento da inovação são medidas essenciais para mitigar riscos e aumentar a competitividade do país frente às novas dinâmicas globais.

4.1. Principais Implicações para a Economia Brasileira (2013-2023)

Crescimento do Comércio Bilateral: Em 2013, a China já se destacava como o principal destino das exportações brasileiras. O Brasil passou a exportar principalmente produtos primários, como soja, minério de ferro e petróleo. Essa dependência de commodities, no entanto, gerou uma vulnerabilidade diante das flutuações dos preços internacionais dessas mercadorias. O Brasil tornou-se altamente dependente da demanda chinesa, o que pode ser um risco em caso de desaceleração econômica na China ou alterações nas preferências de consumo desse país (FREITAS, 2025).

Investimentos Chineses e Infraestrutura: A China se tornou um dos maiores investidores no Brasil, especialmente nas áreas de energia e infraestrutura. Grandes projetos de construção de ferrovias, hidrelétricas e portos foram possíveis com o apoio chinês, e o Brasil se beneficiou do influxo de capital. Contudo, a crescente presença de empresas chinesas levanta questões sobre a dependência tecnológica e a soberania nacional, visto que muitas dessas empresas são estatais, o que implica em uma relação de interdependência mais complexa (OLIVEIRA, 2020).

Inovações no Setor Energético: A cooperação no setor energético, com ênfase na exploração de petróleo e gás, trouxe importantes avanços. As empresas chinesas ajudaram a acelerar a exploração do pré-sal e a ampliação da matriz energética brasileira com investimentos em energias renováveis. Entretanto, a concentração de investimentos chineses no setor energético pode levar a uma falta de diversificação no desenvolvimento de outras áreas da economia brasileira (ROCKMANN, 2024).

1852

Câmbio e Acordos Comerciais: A implementação de acordos como a troca direta entre o real e o yuan, estabelecida em 2023, foi um marco para reduzir a dependência do dólar americano e melhorar as condições de negócios entre os dois países. Contudo, essa medida também apresenta desafios para a economia brasileira, como a exposição à volatilidade do yuan e o risco de instabilidade cambial (NASSIF, 2023).

4.2. A incerteza do futuro da parceria

Apesar dos benefícios tangíveis, como o aumento das exportações e o fluxo de investimentos, a parceria também apresenta desafios que podem comprometer sua longevidade e benefícios mútuos. A maior dependência do Brasil das exportações de commodities e dos investimentos chineses pode ser uma fraqueza se a China, por algum motivo, mudar sua

estratégia econômica ou priorizar outras regiões. Além disso, o Brasil precisa diversificar suas exportações e investimentos, além de promover inovações tecnológicas e maior autonomia industrial para não se tornar excessivamente dependente das dinâmicas da relação com a China (PAIVA, NAKAMURA. 2023).

Outro ponto de reflexão é o impacto da política externa chinesa. A China, com sua crescente influência global, tem direcionado suas estratégias para consolidar uma ordem econômica multipolar, o que pode implicar em mudanças nas suas relações comerciais, afetando diretamente o Brasil, caso o país não se adapte a essas novas dinâmicas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações comerciais entre Brasil e China passaram por uma evolução significativa entre 2013 e 2023, com impactos profundos para a economia brasileira. Ao longo dessa década, a China se consolidou como o principal parceiro comercial do Brasil, especialmente a partir da intensificação das trocas bilaterais e da cooperação em setores como energia, infraestrutura e tecnologia. No entanto, a grande pergunta que persiste é: até quando essa parceria será vantajosa para ambos os lados?

O lançamento do Projeto de Satélites de Recursos Terrestres (CBERS) em 1988 foi um marco na cooperação científica e tecnológica entre os dois países. Esse projeto simboliza a capacidade de Brasil e China de colaborar em áreas de alta tecnologia e inovação, contribuindo para o monitoramento ambiental e o desenvolvimento sustentável, além de fortalecer a confiança mútua. O reconhecimento do Brasil como 'Parceiro Estratégico' pela China em 1993 foi um passo crucial que aprofundou a cooperação em diversas áreas, como comércio, investimento e política. Esse reconhecimento destacou a importância do Brasil na estratégia global da China e facilitou um aumento expressivo no comércio bilateral. Em 2009, a China superou os Estados Unidos como o maior parceiro comercial do Brasil, refletindo a crescente interdependência econômica.

Os acordos de cooperação em energia e infraestrutura de 2010 impulsionaram investimentos significativos no Brasil, especialmente no setor energético, proporcionando um crescimento sustentável e diversificado da economia brasileira. A Parceria Estratégica Global de 2012 consolidou ainda mais essas relações, ampliando a cooperação para novas áreas e reafirmando o compromisso de longo prazo entre as duas nações. O acordo de exportação e

importação sem o uso do dólar americano como moeda comercial, assinado em 2023, marca um avanço significativo na modernização das relações comerciais entre Brasil e China.

Este acordo não apenas reduz os custos de transação, mas também fortalece a autonomia financeira de ambos os países e desafia a hegemonia do dólar no comércio internacional, promovendo uma ordem econômica mais multipolar. Os resultados da intensificação das relações Brasil-China são evidentes na expressiva corrente de comércio bilateral, que alcançou US\$ 157,5 bilhões em 2023, e nos investimentos estratégicos em setores-chave da economia brasileira. Essa cooperação trouxe benefícios significativos, incluindo a diversificação das exportações brasileiras e a atração de investimentos em infraestrutura, energia e tecnologia.

No entanto, a dependência excessiva de commodities é um desafio que o Brasil precisa enfrentar para garantir a sustentabilidade dessa relação a longo prazo. A diversificação econômica e a inovação tecnológica serão cruciais para maximizar os benefícios dessa parceria estratégica.

A parceria entre Brasil e China continua sendo vantajosa para ambos os países, mas com um horizonte repleto de incertezas. O Brasil precisa investir na diversificação de suas exportações, na inovação tecnológica e em políticas econômicas que reduzam a dependência de um único parceiro. Já a China, com seu crescimento desacelerado e novas ambições globais, pode reorientar suas parcerias comerciais, o que demandaria uma reavaliação contínua das relações.

1854

Portanto, a continuidade vantajosa dessa parceria dependerá da capacidade de ambos os países de adaptar suas políticas e estratégias econômicas às mudanças no cenário global e às necessidades de diversificação das suas economias. Em suma, as relações internacionais entre Brasil e China têm se mostrado uma alavancas poderosa para o desenvolvimento econômico do Brasil. A continuidade e o aprofundamento dessa cooperação serão fundamentais para enfrentar os desafios futuros e aproveitar as oportunidades emergentes, solidificando a posição de ambos os países no cenário global.

Assim, verifica-se que o tema ainda pode ser amplamente estudado e desenvolvido, ao analisar os impactos das relações entre Brasil e China no setor de energia e sustentabilidade, a geopolítica das relações comerciais e suas implicações para a política externa brasileira, a influência da política monetária chinesa nas relações comerciais e os investimentos chineses em tecnologias emergentes no Brasil, bem como seus impactos e perspectivas.

REFERÊNCIAS

ABRÃO JUNIOR, A. A. **Comercio eletrônico internacional e o novo plano de conformidade: elevando a tributação incidente de imposto de importação e o ICMS das plataformas digitais como a Shein, AliExpress e Shopee.** Revista Interface Tecnológica, Taquaritinga, SP, v. 21, n. 1, p. 15–27, 2025. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/1833>. Acesso em: 16 mar. 2025.

A IMPRENSA DA AGRICULTURA E PECUÁRIA BRASILEIRA, Brasil e China criam plano de trabalho para implementação de certificação eletrônica. (2023). Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/brasil-e-china-criam-plano-de-trabalho-para-implementacao-de-certificacao-eletronica>. Acesso em: 22 de Ago. de 2024.

Agência Espacial Brasileira, **10 ANOS DO LANÇAMENTO DO CBERS-1**, 2009.

Disponível em: <https://www.gov.br/aeb/pt-br/assuntos/noticias/10-anos-do-lancamento-do-cbers-1>. Acesso em: 23 de Ago. de 2024.

AGUIAR, D. Livro: **Geopolítica da Energia e da Infraestrutura: O Papel da China na América Latina**, 2018. Disponível em: https://www.actionaid.org.br/documents/35/1504277953ACTIONAID_Tapajos_07JUN_WEB.pdf. Acesso em: 21 Dez. 2024.

BRICS Economic Forum. **Cooperation between Emerging Economies: The Case of Brazil and China.** São Paulo: BRICS Institute, 2009. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5565Brazil-China%20Wind%20Energy%20Technology%20Cooperation.pdf?form=MGoAV3>. Acesso em: 13 Dez. 2024.

1855

BUENO, A. **PRIMÓRDIOS DE UMA SINOLOGIA IMPERIAL: A PRIMEIRA MISSÃO BRASILEIRA À CHINA (1880)**, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/atuacao/pesquisa-e-editoracao/programa-nacional-de-apoio-a-pesquisa/pnap-2018/af-doutor-andre-bueno.pdf>. Acesso em: 22 de Ago. de 2024.

CORREIA, V. **Diplomacias de Brasil e China comemoram meio século de relação bem azeitada.** Correio Braziliense, 2024. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2024/05/6851110-diplomacias-de-brasil-e-china-comemoram-meio-seculo-de-relacao-bem-azeitada.html>. Acesso em: 16 Mar. 2025.

CHAK E PRASHAD, A. **Revolução sem fim**, 2024. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/cooperacao-internacional/a-revolucao-sem-fim/>. Acesso em: 22 de Ago. de 2024.

DE SOUZA, Brasil e China — 50 anos da retomada das relações diplomáticas, 2024. Disponível em: <https://aterraererdonda.com.br/brasil-e-china-50-anos-da-retomada-das-relacoes-diplomaticas/>. Acesso em: 22 de Ago. de 2024.

FREITAS, C. Veja o histórico da relação comercial entre Brasil e China, iniciada há 50 anos. 2024. CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/veja-o-historico-da-relacao-comercial-entre-brasil-e-china-iniciada-ha-50-anos/>. Acesso em: 16 Mar. 2025.

GUSMÃO, Brasil e China no Reordenamento das Relações Internacionais (2011). Disponível em: https://funag.gov.br/loja/download/905-Brasil_e_China_no_Reordenamento_das_Relacoes_Internacionais.pdf. Acesso em: 22 de Ago. de 2024.

HIRATUKA, C. SARTI, F. Relações Econômicas entre Brasil e China: Análise dos Fluxos de Comércio e Investimento Direto Estrangeiro (2016). Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/download/50/44/107>. Acesso em: 22 de Ago. de 2024.

KLEIN, L. (2017). A Nova Rota da Seda: Implicações da Cooperação China-Brasil. Revista de Estudos Internacionais, 21(2), 45-62.

MEDEIROS, E. (2015). A Política Externa Brasileira e a China: Entre a Cooperação e a Dependência. Editora Unesp, 19 (2), 32-43.

NASSIF, T. Brasil e China assinam acordos para viabilizar transação direta entre real-yuan; entenda. 2023. CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/brasil-e-china-assinam-acordos-para-viabilizar-transacao-direta-entre-real-yuan-entenda/>. Acesso em: 16 Mar. 2025.

1856

OLIVEIRA, E. China caminha para ser um dos principais investidores no Brasil, com foco em infraestrutura. 2020. O Globo Economia. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/china-caminha-para-ser-um-dos-principais-investidores-no-brasil-com-foco-em-infraestrutura-24770152>. Acesso em: 16 Mar. 2025.

PAIM, F. A. (2009). A Relação Comercial Brasil-China: Uma Nova Era para o Comércio Internacional. Revista Brasileira de Política Internacional, 52(3), 78-94.

PAIVA, I. NAKAMURA, J. Exportações e investimentos: como a situação da economia da China pode impactar o Brasil. 2023 CNN Brasil. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/exportacoes-e-investimentos-como-a-situacao-da-economia-da-china-pode-impactar-o-brasil/>> Acesso em: 16 Mar. 2025.

POMAR, M. (2010). Brasil-China: Novas Relações Comerciais. Rio de Janeiro: Editora FGV.

ROCKMANN, R. Setor energético movimenta parceria entre Brasil e China. 2024. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/brazil-china-meeting/noticia/2024/01/23/setor-energetico-movimenta-parceria-entre-brasil-e-china.ghml>> Acesso em: 16 Mar. 2025.

SANTORO, China-Brazil: A Strategic Partnership in an Evolving World Order. (2013). Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s12140-012-9186-z?form=MGoAV3>> Acesso em: 12 de Set. de 2024.



SANTOS, M. (2012). **Brasil e China:** a diplomacia do desenvolvimento. Editora FGV.

ZHAO, M. (2009). **The Dragon's Influence: China's Rise and its Impact on Brazil.** Journal of Latin American Studies, 41(2), 115-135.